

Tradução do russo e edição por CN, 6.01.2015

(original em: <http://cccp-kpss.narod.ru/arhiv/soprobos/1979/andr-5-04-1979.htm>)

Duas cartas a Andrópov¹ (II)

Tatiana Khabarova

1979

Os colaboradores da secção do bairro de Kírov do *KGB* – onde fui «convidada» a comparecer após a quarta carta que vos dirigi em 24 de Novembro de 1978 – esses colaboradores, dizia, (que **não têm qualquer competência** para abordar as questões que vos coloquei) mostraram-se muito ofendidos pelo facto de, na referida carta, a maneira de agir nas questões indicadas ser comparada à maneira de agir dos serviços de segurança do Estado checoslovaco, durante a crise contra-revolucionária do final dos anos 60, quando, em vez de se oporem resolutamente à dissolução política, promoveram-na activamente e planearam projectos temerários como campos de concentração para os comunistas honestos da Checoslováquia.

Quase quatro meses passaram-se desde então; as promessas de «*comunicar à chefia e telefonar*», que me foram feitas na secção do Bairro de Kírov, continuam por cumprir (será já «*uma tradição*»?). Por isso considero oportuno – para além das minhas declarações orais – reiterar por escrito a minha avaliação: Vós, em vez de reagirdes racionalmente, em conformidade com os princípios do partido, à degeneração político-ideológica perigosíssima e à canalhice, revelais-vos tolerante e protector; «*combateis*» não os sabotadores políticos antimarxistas no Estado, mas as pessoas honestas que denunciam essa sabotagem. Hoje, este é um facto simples, irrefutável e constatável; não tendes razão nenhuma para vos emproardes e «*ofenderdes*».

Repito-vos novamente – a vós, não só como presidente do Comité de Segurança do Estado, mas, antes de mais, **como membro do Bureau Político do CC do PCUS** – esta verdade à vista de todos, que deveis reconhecer perfeitamente se não perdestes definitivamente o sentido da realidade: em lugar da doutrina marxista-leninista, inquestionável fundamento ideológico do Estado soviético, professa-se hoje no nosso país uma certa caricatura bukharinista do marxismo, que é em suma o restauracionismo burguês. Por esta via desenvolve-se uma **diversão ideológica e política** com tal dimensão e força destruidora que, enquanto não se lhe puser fim, tarefa que incumbe à vossa organização, podemos calmamente dizer adeus a tudo o resto, uma vez que este trabalho «*teórico*» de sapa (como demonstrou a lição checoslovaca) é mais do que suficiente para destruir o regime socialista na URSS.

¹ Esta carta, datada de 5 de Abril de 1979, e enviada pela autora, por correio registado, a I.V. Andrópov, então presidente do Comité de Segurança do Estado (*KGB*), foi publicada no jornal *Soviétski Grasdan SSSR*, n.º 12, de Maio de 2009 (*N. Ed.*)

Teremos ocasião, mais à frente, para examinarmos em detalhe como isto aconteceu. Para já é claro no fundamental o seguinte:

– Objectivamente (seja por erro ou por «*cálculo*» sabotador) houve uma ruptura gravíssima na definição da concepção de desenvolvimento estratégico do nosso sistema social; perdeu-se a linha geral da sua elevação e aperfeiçoamento históricos naturais;

– Esta «*falha*» político-estratégica há longos anos que não permite um desenvolvimento profícuo do sistema em nenhuma direcção essencial;

– É necessário identificar a ruptura, «*localizá-la*» e adiar o mínimo possível a sua superação, devendo isto ser feito com extrema «*correção*» política para não provocar «*custos*» sociais desnecessários, para além daqueles que já se acumularam.

«*A atitude de um partido político perante os seus erros*», indicou Lénine, «*é um dos critérios mais importantes e mais seguros da seriedade do partido e do cumprimento de facto por ele das suas obrigações para com a sua classe e para com as massas trabalhadoras. Reconhecer abertamente o erro, pôr a descoberto as suas causas, analisar a situação que o engendrou, discutir atentamente os meios de corrigir o erro – isto é o indício de um partido sério, isto é o cumprimento por ele das suas obrigações, isto é educar e instruir a classe, e depois também as massas.*»²

Deve-se sublinhar aqui que «*os meios de corrigir o erro*», no nosso caso concreto, **existem realmente**, uma vez que foi elaborado e enviado ao CC a principal parte de um projecto minucioso integral sobre a solução marxista dos problemas ideológico-filosóficos mais «*sensíveis*». Esse projecto fornece já hoje uma quantidade satisfatória de propostas práticas, inteiramente detalhadas, «*assentes no chão*» e capazes de resistir à crítica.

A este propósito, os seus camaradas perguntaram-se *como em concreto imagino eu «tudo isto»*. A pergunta parece construtiva e é oportuno determo-nos nela no presente contexto, tendo em conta que os referidos trabalhos marxistas sobre problemas actuais com importância de Estado são, no essencial, da minha autoria.

Pois bem, a pergunta justifica-se; se abordarmos o assunto do ponto de vista da concretização directa das «*obrigações*» por mim enumeradas, então respondo que vejo «*tudo isto*» aproximadamente do seguinte modo:

– Em primeiro lugar, o meu actual estatuto de «*elemento anti-social*» não me permite, naturalmente, intervir em quaisquer debates ideológicos oficiais. É preciso pôr fim imediatamente a esse «*estatuto*» antinatural, e devo ser reintegrada oficialmente (e não «*clandestinamente*») no trabalho científico, tanto mais que, ao longo destes anos em que fui obrigada a viver numa «*clandestinidade revolucionária*», praticamente nunca cessei a actividade científica (o que é atestado pelos resultados existentes).

A situação aqui é muito clara (se não for deliberadamente confundida): na Academia das Ciências da URSS, os sakharovistas «*filosóficos*» inveterados (que continuam infelizmente nos cargos de direcção e têm os seus cartões do partido) difamam arrogantemente a Revolução de Outubro, o leninismo e o regime social socialista; defrontaram-se (onde não esperavam!) com um cientista honesto, que se indignou com o verbalismo anti-socialista e «*ousou*» manifestar-se abertamente contra coisas repugnantes. Correram os gabinetes das chefias, organizaram contra essa pessoa honesta uma cabala criminosa e cometeram actos criminosos (como arruaceiros, afastaram-na ilegalmente do trabalho e roubaram-lhe ao todo cerca de 15 mil rublos, etc.). Os seus actos criminosos causaram um enorme dano tanto aos direitos individuais constitucionais dessa pessoa e

² *A Doença Infantil do «Esquerdismo» no Comunismo* (1920), V. I. Lénine, *Obras Escolhidas* em seis tomos, ed. Avante – Ed. Progresso, Lisboa – Moscovo, 1986, t. 5, p. 118. (N. Ed.)

da sua família, como aos **interesses do Estado**, em defesa dos quais havia erguido a sua voz.

Repito mais uma vez, é preciso pôr fim a estes crimes, e o facto de se arrastarem há já nove anos (em grande medida por culpa da gentalha que se entrincheirou na Procuradoria da URSS) apenas constitui uma circunstância agravante e nunca um pretexto para que se mantenham e «*eternizem*» os efeitos desta ilegalidade.

– Em segundo lugar, como é óbvio, estou longe da ideia de que sou a única pessoa no país que reflecte a partir de posições marxistas. Porém, as coisas estão de tal modo que, desde há muito tempo, apenas aparecem à «*superfície*» da nossa vida teórico-ideológica oficial os pontos de vista de um grupo relativamente pequeno de revisionistas de direita e assumidos bukharinistas (de forma provocadora, diga-se), cuja influência não é explicável pela força persuasiva e proficuidade das suas «*teorias*», mas apenas pelo peso dos postos administrativos que ocuparam, das suas redes de influência e dos métodos criminosos de afastamento dos «*discordantes*», amplamente praticados neste meio.

A situação em que se encontra actualmente o nosso «*serviço ideológico*» (o estado de marasmo político em que caiu, anticientífico e contrário aos interesses do Estado) constitui uma causa directa dos atrasos e insuficiências perniciosas do nosso desenvolvimento social.

Tenho escrito bastante sobre isto, e não há razão para o repetir aqui. Sublinho apenas que o carácter nocivo e desorientador das actuais «*concepções*» tem-se revelado com invariável evidência em todos os campos onde foram aplicadas, o que qualquer verdadeiro comunista no CC do PCUS (se ainda restam lá alguns) deve saber e compreender pelo menos tão bem como eu.

Se durante anos as pessoas não conseguem furar as barreiras e conseguir que o seu ponto de vista seja minimamente conhecido (o que aliás é garantido pela Constituição!), é de esperar que comecem a dirigir-se ao CC. É também expectável que a correspondência deste tipo (constituída praticamente toda por abordagens **marxistas** de acontecimentos e problemas sociais) crie uma crescente pressão política, a qual se torna cada vez mais difícil ignorar.

O anúncio feito no Plenário de Novembro (1978) do CC do PCUS, de que as cartas sobre questões ideológicas exigem a criação de uma comissão especial e o seu exame pelo Bureau Político, confirma esta nossa breve análise.

Em consequência, a presente situação ideológica pode ser descrita em poucas palavras do seguinte modo: enquanto o bukharinismo flutua à superfície, todas as objecções críticas contra o bukharinismo, dúvidas sobre a legitimidade e os resultados práticos da «*linha*» bukharinista, e finalmente as reflexões marxistas aprofundadas sobre as tarefas candentes político-filosóficas e económico-filosóficas – todo este material com **excepcional importância de Estado** está concentrado no aparelho do CC, onde é retido e escondido à viva força, permanecendo desconhecido no fundamental dos amplos círculos sociais e do povo soviético.

No entanto, é perfeitamente claro que tal distorção, que consiste na prática em divulgar só metade (por sinal a parte pior) do **verdadeiro estado de coisas na esfera teórico-ideológica**, representa um grosseiro abuso político e, nas condições do socialismo, uma intolerável deformação da autêntica vontade do povo, à qual é tempo de pôr fim.

Dito de outro modo, é preciso submeter ao julgamento da opinião pública a «**disposição**» teórico-ideológica realmente existente, não sob a forma de «*extractos seleccionados*», não sob uma forma conveniente a alguém, mas **tal como é na realidade**.

No meu entendimento, (e nisto consiste a minha proposta concreta sobre este assunto) devia-se continuar, com clareza e honestidade leninistas, aquilo que de qualquer modo já foi preciso iniciar, nomeadamente, a convocação pelo CC do partido de uma conferência sobre questões do actual estado e perspectivas de desenvolvimento da ideologia marxista-leninista na URSS (naturalmente pode intitular-se de forma diferente). Essa conferência deve ter a **participação obrigatória e com plenos direitos dos autores das intervenções críticas mais acutilantes, problematizadas e com propostas desenvolvidas no plano «ideológico»**, que foram até hoje enviadas ao Comité Central do PCUS.

É indiscutível que uma tal viragem dos acontecimentos levará, com todas as probabilidades, a que nos aposentos da «*elite*» penetre uma certa quantidade de «*população*»; mas isso terá de ser compreendido. O estatuto do teórico, tanto criativo como político-cívico, é determinado não pelo título na hierarquia administrativa (na realidade isso obtêm-se mais depressa por vias travessas), mas exclusivamente pelo poder lógico e consistência prática das suas elaborações teóricas. Se eu, por exemplo, desfizer em nada teoricamente a chamada «*futurologia marxista*», e se os partidários dessa «*ciência*» não tiverem contra mim quaisquer «*argumentos*» para além de uma conduta criminoso, a verdadeira correlação entre nós é que, de um lado está um teórico com conclusões irrefutáveis, do outro estão criminosos. Eles não são capazes de defenderem publicamente a sua posição «*científica*» pela simples razão de que essa **posição científica** no sentido próprio não existe, mas há apenas um cozinhado pretensioso e medíocre de compilações, que apenas é proveitoso na conjuntura política temporariamente criada.

Pode-se enumerar todo um conjunto de «*doutrinas*» às quais se aplica o que foi dito: trata-se por exemplo da «*gestão científica*», da teoria do funcionamento estatístico-otimizado da economia, da «*directão económica automatizada*»; da «*revolução científica-técnica*», do «*socialismo desenvolvido*», etc.

Seria salutar se no Bureau Político do CC do PCUS se tornasse claro (e isso tem de acontecer inevitavelmente) a seguinte circunstância essencial: **não se pode elaborar uma linha política geral com base em construções teóricas que só conseguem manter a sua aparência de verosimilhança científica na condição de que os críticos e oponentes são corridos porta a fora por via administrativa.**

Iniciativas do tipo da que foi proposta devem naturalmente ser organizadas de boa-fé, de outro modo nada mais resultará delas senão malefícios.

Seria sensato, por exemplo:

– Avisar antecipadamente os referidos participantes (entre os marxistas haverá quem **insista da forma mais decidida em participar**);

– Solicitar aos «*especialmente interessados*» um curto resumo ou tópicos (não mais de duas ou três páginas) sobre o seu ponto de vista e os textos das intervenções que se proponham fazer, também estas não demasiado longas (20 minutos no máximo);

– Reproduzir os resumos e tópicos e enviá-los a todos os participantes, para que cada um possa antecipadamente «*avaliar a situação*» (se alguém muda de posição ou simplesmente se retira, isso também será um momento elucidativo e inteiramente construtivo).

Neste momento seria pouco razoável adivinhar os resultados directos de tal conferência, mas, indiscutivelmente, ela permitiria (ou ajudaria):

– A traçar o verdadeiro (e não inventado, «*falsificado*») quadro do desenvolvimento teórico-ideológico da nossa sociedade, identificar os «*pontos de tensão*» conceptuais, os fracassos, bem como as tendências progressistas prometedoras;

– A envolver no trabalho ideológico novas forças, pôr fim a «teses» repassadas, fastidiosas, que não convencem ninguém, cuja pobreza intelectual é a cada momento constatada na prática, e que não são de modo algum aceites como orientações teórico-ideológicas para a compreensão do mundo ou político-éticas, nem pelo nosso povo, nem pelos comunistas e trabalhadores conscientes doutros países;

– A pôr a nu tratantes «estéreis» do ponto de vista criativo e, ademais, de tendência anti-socialista, cuja reputação «científica» se deve unicamente ao facto de reprimirem sistematicamente os cientistas que são verdadeiros pensadores e possuem a necessária coragem cívica.

Há ainda outro aspecto extremamente importante: seja qual for o resultado de tal encontro (que seria o primeiro do género), ele não deve ser mantido no segredo (se não para a opinião pública, em todo o caso nunca para o partido), nem o facto em si de se ter realizado, nem os episódios que se destacaram. Àqueles que ficaram em minoria (ou mesmo isolados) deve ser garantida a possibilidade legal (definamo-la assim) de **manterem a sua opinião**, sendo que essa **opinião deve ser divulgada** rigorosamente nas mesmas condições que a opinião maioritária. Para o esclarecimento da verdade científica (mais ainda político-filosófica), é importante não o «*número de votos*», mas unicamente o **número de posições**; se as posições, admitamos, são duas, então o importante é apenas a sua relação conceptual. O número dos que as apoiaram inicialmente é inteiramente secundário.

A validade do sistema de Copérnico não foi minimamente afectada pelo facto de, inicialmente, apenas ser defendido pelo próprio Copérnico. Por muito que sejam os que rejeitam uma verdade científica, tal não significa que ela deixe de existir ou de estar «*predestinada*» a vencer.

Pareceu-me útil falar já disto de modo a prevenir tentativas para ganhar tempo, facilmente adivinháveis, por parte dos partidários da abordagem marxista da «*maioria*» bukharinista de falsificadores políticos.

Finalmente um terceiro aspecto.

Coloca-se-me ainda a seguinte questão: quererei eu ser recebida pessoalmente por vós a propósito das minhas cartas?

Antes de mais considero necessário frisar, caso se veja alguma ponta de ironia nesta pergunta, que ela é totalmente alheia à minha intenção. No que toca à compreensão do desenvolvimento objectivamente necessário do aparelho do Estado e outros aspectos do regime soviético, à elaboração e demonstração de pontos de vista sobre assuntos do Estado, bem como à dedicação à causa da concretização do futuro comunista para o nosso povo, não tenho meças a lhe pedir, mas pelo contrário. Por isso nunca poderia ironizar a propósito de um encontro pessoal consigo, enquanto eminente figura política do Estado.

Digo mesmo abertamente que se fosse membro do Bureau Político do CC do partido num país que estivesse a construir o comunismo, e se de repente me surgisse uma pessoa que compreendesse e formulasse **claramente** melhor e mais profundamente do que eu os interesses da causa da edificação comunista, não só não inventaria formas de a «*erradicar*» da vida política, como teria consciência de que, se não lhe proporcionasse apoio e colaboração, estaria a violar gravemente a minha primeira obrigação partidária e cívica.

Como vós e Leonid Bréjnev podeis dormir tranquilamente, tendo na vossa consciência comunista casos deste tipo, palavra de honra que é algo de incompreensível para uma mente humana normal.

Mas voltando à questão, conversar consigo pessoalmente, como é natural, não é para mim um fim em si. Expus-lhe determinados problemas com importância de **Estado** pela sua gravidade e dimensão, e envido todos os meus esforços para que os problemas expostos sejam também resolvidos **no interesse do Estado**. Se um encontro consigo (ou com qualquer outro destinatário das minhas cartas) contribuir para a referida necessária resolução, participarei de boa-fé, por exemplo, na preparação dos materiais que entender serem necessários.

Aliás há nisto uma particularidade evidente: um tal encontro só poderia contribuir para uma eventual decisão construtiva na condição de que há da **vossa parte** igual boa-fé na intenção de procurar (na vossa área de trabalho partidário-estatal) uma via construtiva de superação das dificuldades fundamentais colocadas perante o país (as quais são de resto amplamente evidentes e perceptíveis).

Mas se for convidada para mais uma vez me repetirem os embustes de académicos criminosos, para isso efectivamente não valerá a pena rebaixar o título de membro do Bureau Político; tal não me assustará, um embuste será sempre um embuste, independentemente de quem o profira.

Portanto, dependem de vós os próximos passos a dar nesta direcção. Só exijo categoricamente uma coisa: não fazendo questão de ser ouvida por «*altos dirigentes*», não desejo, no entanto, decididamente manter conversações com pessoas que, sob todos os pontos de vista (político, teórico-ideológico), são **totalmente incompetentes**, incapazes de compreender minimamente qualquer aspecto das questões que vos expus há ano e meio.

Os colaborados do *KGB* que «*combatem as diversões teórico-ideológicas*» e não sabem quem é Karl Popper, ou o que é a escatologia e porque é nefasto que seja comparada com o marxismo, que se instruem sem a minha ajuda consultando a literatura existente. Dirigi-me ao Comité de Segurança do Estado não para participar numa campanha de alfabetização político-cultural de «*combatentes*» tão ignorantes. E se porventura são conhecedores da matéria e apenas se fingiram «*incultos*», tal conduta humilhante e de troça em relação à minha pessoa é inaceitável da parte de funcionários de uma entidade com altas responsabilidades políticas na defesa da legalidade.

Pela minha parte (e não seria mau que cada um fizesse o seu próprio exame), identificar, examinar, desenredar e suportar durante anos, praticamente em solidão, o peso de tão grande novelo de problemas, como o que realmente foi «*levantado*» por mim, constituiu e continua a constituir muito mais do que um acto ordinário de coragem cívica; isso custou-me caro, e a questão aqui não está meramente em algumas abstrações teórico-filosóficas, político-económicas e outras, mas nos entraves artificialmente colocados ao desenrolar justo e normal das coisas, que ingratamente se reflectem duramente no destino de uma pessoa.

O próximo funcionário vosso que tencionar conversar comigo deve necessariamente ter um nível teórico-ideológico e competência profissional para não só manter conversas ocas e fazer falsas promessas, mas para tomar decisões efectivas em todo este caso, quer nos seus aspectos político-sociais, quer puramente jurídicos.

Tatiana Khabarova
Doutoranda em Ciências Filosóficas
5 de Abril de 1979